

*chão inquieto*



*Pedro Rocha*

# CHÃO INQUIETO

© 2010 Pedro Rocha

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.*

*Produção Editorial*

Isadora Travassos

Valeska de Aguirre

*Diagramação*

Tui Villaça

*Revisão*

Deborah Prates

*Imagem da página 95*

Extraída do trabalho “pode” (HAPAX)

*Imagens de capa e miolo*

Pedro Rocha

*“Força luz” para, com, de*

Bruno Alexander

*Poemas das páginas 53, 74 e 82 em parceria com*

Amora Pêra

*Orientação e revelação*

Marcelo Alram e Milan Alram

*Produção gráfica*

Isabella Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R575C

Rocha, Pedro, 1976-

Chão inquieto / Pedro Rocha. – Rio de Janeiro:

7Letras, 2010.

96p.: il.

ISBN 978-85-7577-661-2

1. Poesia brasileira. I. Título.

0-0505. CDD: 869.91 CDU: 821.134.3(81)-1

2010

Viveiros de Castro Editora Ltda.

R. Goethe, 54 Botafogo

Rio de Janeiro RJ CEP 22281-020

Tel. (21) 2540-0076 | editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

## SUMÁRIO

- 7      prefácio
- 13     ó piop ó
- 17     asfalto olfato
- 21     deus do chão
- 38     c•rp• •cult•
- 41     taco cacto
- 42     j a z a s a
- 59     cometa de calçada
- 63     força luz
- 69     AreiaaéreA
- 73     laminanimal
- 79     espelho e espelho
- 95     pode



DE QUANDO A ROCHA VIROU SOM DE CHÃO  
OU COMO FICOU INQUIETO A PEDRA DE PEDRO

*Ericson Pires*

Pedro é Pedra. Rocha. Raio. Rabisco no campo da palavra. Rasura. Verso. Verbo de ver. Verbo de perder. Verbo de achar perdendo-se. Vaso que não quebra. Jarro. Jorro de jarro que quebra. Gesto. Ação. Leitor de muitos. Metabolizador. Múltiplo. Escriba de muitas escritas. Bicho inquieto de palavra que morde. Santo. Mentiroso. Falador de palavras. Palavras transviadas. Falso inventor de mundos mentirosos verdadeiros. Falso criador de nomes que existem. Que re-existem. Poemas de saltador de nuvens. Poemas de lavrador de chão. Chão sujo. Chão limpo. Chão úmido. Chão que não é chão. Chão sujo de céu. Céu chão. Céu no chão. Seu céu. Não-chão. Não-céu. Chão no céu. Seu. Nosso. Agora. Nosso.

A luta da palavra. O poema como som. O som de cada palavra. Pedro. Pedra. Homem de som. Garoto de som solto no ar. Oral. Oração. Cada palavra revela. Cada palavra vela. Canta. Lance de dados. Cada palavra. Cada canto. Canta. Entoa sons de mistério. Sons antigos. Sons intangíveis. Encantador de cobras. Sonha. Hipnotiza som. Menino de primeira hora do som. Cantor de poemas. Encantador de medidas. Cada métrica, escapa. Cada verso, passa. Passa. A luta da palavra. O poema como lança e dragão. O poema como luta contra palavra. Luta a favor da palavra. Luta palavra. O poema como. Como. Comedor de palavras. Comedor de poemas. Comedor de poetas. Boca grande de quem quer engolir mundos. Boca grande de quem quer inventar mundos. Boca

grande de boca grande. Garganta de nomes. Oral. Força de palavras infinitas. Beijo na boca da palavra.

E da palavra nasce a música. E da música nasce o poema. Teatro. Teatro = música + poema. Te + ato. Equação física. Ação. Música de gritador. Transformista de palavras. Cabaré dos versos livres. Orgia dos sons saídos. Sílabas. Sibilar. Coração inquieto. Chão. Céu. Todos. Cirurgião de sílabas. Estilete. Canivete. Bisturi das belezas do poema perdido. Caçador de destinos das palavras. Santo sujo. Falso Buda. Boêmio de casaca. Irmão mais velho. Cantor de vários hinos. Dobrador de palavras e sobras. Mutilador. Corajoso coração. Cor. Palavras que escapam do destino. Palavras que são cores. Pintor. Falador. Orador. Te + ato. Lançador de bezerras alucinados. Contemplador de amores impossíveis. Catador de esperanças não nomeadas. Cantante. Obrero de muchas canciones. Sádico das palavras. Amante das palavras. Louvador. Lavrador. Chão é Céu. Céu é Chão.

Pedro. Pedra. Rocha. E que todas as montanhas caibam nessa grande Pedra. Chão. Pedra. Rocha. E que todos os chãos sejam esta grande Pedra. Força. Rocha. E que todos inquietos respirem esse coração Rocha. Pedra. Pedro. Coragem de coração gigante. Oração. Raio. Luz. Força. Pedro. Pedra. Rocha. Amor.



*para Luiza e Amora*

*o tecelão segue*

ERICSON PIRES

*uma possível rota*

GUILHERME ZARVOS

*prestobarba e vá com Deus*

EBER INÁCIO

*todo passeio é possível*

SERGIO COHN

*a janela aberta*

OMAR SALOMÃO

*poesia é sempre parceria*

VITOR PAIVA

*como o verde pro capim*

DADO AMARAL

*todo mundo misturado  
num bordado que se multiplica*

BOTIKA

*embebedados nesta invisível tinta*

DOMINGOS GUIMARÃES

*em forma de corpo*

VIVIANE MOSÉ

*e sinto o cheiro de mim mesmo*

GUILHERME LEVI

*corpo palavra*

CHACAL

*hálito mestiço*

MICHEL MELAMED

*mijo jasmim*

CABELO

*vida muda o morto em multidão*

GULLAR







*eu estou aqui me morrendo  
me aproveite*







## PORTA AFLORA

Um cachorro latindo às vísceras  
vacila no  
eco arranco na lata

na rua: motor de elevador  
é linda uma janela acesa  
acabou

É preciso voltar a esse extremo  
esses termos onde o asfalto molhado  
ferventa som de pneu

A poesia soltou-se  
planejando a noite  
a cera chora da vela  
e eu abro o tato  
com a tua boca fantasia

## ENGRENAGEM ORGANISMO

Calma

a noite ainda é seda  
e as estrelas estardalhaços  
estampido dos meus olhos  
esmaltando a cidade deitada  
meu tecido trabalha  
a asma no tato duro  
da superfície do solo  
no vapor da madrugada  
na calada da seiva  
enveneno a vida  
vidro líquido no asfalto  
falta ainda a frigideira da fala

Calma fauna





## RADICAIS LIVRES

*para Chicas*

Escolher os passos  
Descalçar o chão  
Desse povo  
Na raiz de um pulo  
Que se prepara  
e propaga

Dançar o chão  
Dessa gente que  
Canta junto  
E semeia caminho

Se dar por isso é  
Essa certeza que é seta  
Se lança a outro plano

e plana

plural

Eu sou mais um comigo  
Eu me jongo todo asas  
Esse meu som é país  
E mais ainda  
Eu me sinto um planeta

Esses dias esse som  
Escolho os passos  
E a liberdade me colhe  
Assim escalado  
Lá do alto

Lançando

Radicais Livres



força que fulmina  
esse jorro que irrompe no tempo  
sacudindo a realidade

essa possibilidade que mostra  
um poder descabido à humanidade  
através de um simples corpo  
porto e plataforma de revolução

existe dentro dessa pessoa

que ferramenta é essa  
que fermenta o invisível?

que nome tem essa usina  
que transforma ar em fuzil?

que caminho o espaço percorre  
nesse prisma de gente  
    que muda  
        muda  
          tudo o que está presente?

o latente nessa garganta é luta

ou não, ainda

palavra nenhuma  
se aplica ou explica  
esse evento

só sopro  
bruto  
som  
violento  
combustão  
descabimento

quando range  
essa árvore  
que age  
da cripta à copa

diante  
de dentro  
e de trás  
de Amora

o que há  
nessa hora  
é a evidência  
de que qualquer indivíduo  
é capaz de transformar  
o singular em coletivo



chato é teatro  
música fácil  
o poema é volátil

AO PASSO

*para Chacal*

Poeta

é aquele que sabe uma  
maneira maneira

de fazer de uma cascata

cachoeira

PARECEPAREDE

*para Guilherme Levi*

a noite tula

religiosa

joga-se

chuvosa

abrindo

escamas de tempo

e plugo

em outro

espaço

a noite tula

se joga

envolve rouba

e devolve

a certeza desse sapato

nesse chão

a noite tela

essa que anda

por minhas imagens

que quebram

o cimento

e a calçada  
da rua do catete  
com um barulho  
que se pode ver

essa noite trilha  
bilha de engrenagem

que rola involuntária  
movendo a cidade  
sob meu corpo-espanto  
de sede e de pressa  
pra dentro de uma floresta humana  
sem quando  
entrando  
no tempo  
e nos espelhos  
de água da calçada  
das casas de cabeça  
pra baixo  
e suas luzes  
entradas em  
direção  
contrária

essa noite controle  
que me segura um  
ímã  
subterrâneo

pra passar suas ruas por mim  
decidindo as curvas  
as vozes  
das cores

que me sussurra  
nos sobrados  
revelando uma  
raiz

inventando vidro  
e madeira  
ao batente de pedra  
que quebra o passeio

gritando  
vermelho molhado de cima dos telhados  
e quadriculado desencontrado  
na falha  
do asfalto

noite megera  
mostrando  
que dói ser gente  
e não poder  
se desfazer em imagem  
que não posso ser  
outra coisa senão isso:

um troço vivo  
que carrega cheiro  
preso no tempo

um corsário de carne  
e olho  
e um desenroscador  
de poesia

xingando puto  
muito  
porque precisava  
(mas não vai)  
encontrar o perigo

– onde posso ser eu mesmo o poema?

## CIÚME DA POESIA

perdido na palhoça  
som de pescoço duro  
dorso retorcido descomunal  
largando a sirene do cio  
e fumaça de folha de uva  
ela não me permite  
conversar com meu amor  
ou mesmo deitar ao seu lado  
ela me ordena acordado  
subjugado escravo de pé  
a poesia tem ciúme  
“os deuses têm ciúmes”  
e me quer agarrado  
espremendo o rosto  
tentando ouvi-la  
exclusivo implorando  
que me abra sua porta  
malvada severa  
a poesia me desenterra de casa  
e me obriga seus caprichos  
operário de suas roupas  
que lhe desenhe um vestido difícil  
sem aviso me escolhe seu ópio  
me consome inebriado  
tonto de ritmo  
fudido de linguagem  
– eu tenho uma vida, filhadaputa!!

trabalho pra caralho...  
ela gargalha e exige a trepada  
eu sou seu muso de hoje

obrigado





Esse poema sem dinheiro  
compra o leite mais barato e às vezes vem estragado

Esse poema pobre sem contracheque  
ganhou, sem pedir, crédito no banco mais rico

Esse poema mulher (velha)  
viaja em pé porque não tem como entrar antes dos outros no ônibus

Esse poema mal dormido  
iludido enganado

Esse poema inflamado de discurso  
esqueceu a palavra

Esse poema querendo porrada  
não tem corpo

Esse poema irado  
parado

Esse poema desesperado de guerrilha  
não sabe onde atira

Esse poema Russo duro ateu  
morreu num submarino de guerra enguiçado no fundo

Esse poema sem saída não existe sem rua







## EPITÁFIO PREMATURO

Aqui jaz Pedro Rocha  
Como uma ejaculação precoce  
Entregou-se tanto como se pudesse  
Faltou-lhe resistência e polígrafo  
Cedeu cedo pelo que não ia  
A vida não foi de colher  
Esquece camarada  
Já sou xaxim

## DEVOLVE MEU CORPO EM CASA

*por Isadora*

cada tarde sem trilho  
solta sem caminho comigo  
cedo ao sabor de um segredo  
guardo o sopro do sussurro de um desejo

a cada torrente sem transe  
trabalho o segundo seguinte  
domo os danos adesivos  
destelando meu corpo de cola

qual muralha se alimenta no silêncio?  
ela me diz sem dizer que não tem asa  
encolhe o calor do meu peito em brasa  
mas devolve meu corpo em casa  
devolve meu corpo em casa  
devolve meu corpo em casa

encolhe o calor do meu peito em brasa  
mas devolve meu corpo em casa  
devolve meu corpo em casa  
devolve meu corpo em casa

## TÃO DE LONGE

o caminho que você escolhe esta noite  
dissipa meu carinho em algumas palavras

faz tão frágeis nossas pegadas  
nessa noite de janeiro fria

não há nada  
para eu não te amar  
e eu não acordo meu querer

te amo agora  
tão de longe  
te amo agora  
é só o caminho que você escolhe esta noite

que desfaz um canto  
desliga o tato  
desmancha uma explosão  
derruba a rosa  
varre o rastro  
rasga a ilusão

só encontro espanto  
uma surpresa tão grande  
quanto os seus olhos nos meus

desaponta um porto  
pelo caminho que você escolheu

te amo agora  
tão de longe  
te amo agora  
é só o caminho que você escolhe esta noite

me faz triste  
desfaz feitiço  
me faz certo

me faz janela que já saí por ela

5

Suas roupas  
Dão bandeiras  
No meu varal

Vou tirá-las agora

Espero sejam só roupas  
Sentir seu corpo seria  
Demais para a minha saudade

## UM ÚLTIMO JANTAR

e essa  
extraordinária  
falta guarda tua  
ausência

e essa essência sem  
charme estranhamente  
ganha minha gente

seu suco  
respira minha guelra  
agarra desesperada  
alga lânguida do fundo

no fim  
faria afagos  
no afastamento

aparto nesse  
apartamento  
o corpo em pé  
partido

seu olhar  
pedra de moinho  
mantém um soco doce

dorme  
o tumulto dentro  
do dia marcando o  
mar motivo do olho

em leito livre  
acolho outro agora  
fera de aquário cabe  
em convívio ríspido

quase come comigo  
em paz  
faz meu erro  
gorjeio quando ama  
o silêncio

a fome fica  
antes pra  
depois

## NÃO NOVO

não vou te escrever  
um poema agora  
dizendo que você  
me toca tosca  
mosca no rosto

vou dizer que você  
foi fonte e fez  
jorrar mais lindo amor  
do meu peito que se fez  
ainda mais vasto

não vou dizer  
que você me magoa  
esquivando seu beijo  
fazendo cara de ruim  
pra mim

deixo tudo de lado  
e deito meu coração  
no leito do lago

o lago solta-se

sem esse ruído  
sem ruim  
são só suas mãos

perdendo meu rosto  
é só um sol de posto  
só um dia guardado  
uma melodia sublime que já não diz  
uma moeda linda que já não compra  
um campo que já não dá

## DEITADA

você se deita  
você fica deitado  
tentando  
você fica tentando não fazer  
nenhum barulho  
querendo escapular como um balão  
voar pela janela  
existir um instante lá fora

você fica pesando no colchão  
esquecido  
os olhos arregalados  
tentando  
você fica tentando entrar  
na lembrança no sonho dela  
dormindo ao lado  
você fica deitado  
o coração calado  
chorando no escuro  
afogando  
você é uma casa desabada  
é um vulcão no silêncio do fundo do mar

você é o mar  
com um vulcão explodindo no seu fundo

## BALLADIN

tanto ele demora  
nasceu o sol  
por fora  
o dia  
é aurora  
só  
volta amor  
dorme dói  
dorme  
me dorme  
o nó

me cubro o rosto  
sem seu gosto  
no lençol

cedo amor  
dói

perdi seu rosto  
e agora voo sou meu céu

um facho de luz  
que chora do sol  
seu nome escoia  
em minha  
voz

sobra um sinal  
um som  
rasga me  
morde  
rói

me molha o sol  
me sua as dores  
salva o sal

tarde amor  
dói

desfez-se a cama  
e o sol arde no varal

meu colo cansado  
jorra  
insão  
escorre o ventre  
lava  
o chão

meu lago quebra em  
chão

trabalha  
vaza sal

me olha o sol  
me  
sua dor

dissolve o mal

chega  
amor vão

te esquece a cama  
o ventre  
seco  
arde  
em não

## BERIMBAUA

*Tudo o que fazia, tinha um carinho guardado.  
Em tudo era um presente de mim, em nada  
faltava uma pétala de pedro.*

Me joguei em seu mar sem medo de onda. Uma  
gaivota viu o peixe, e sem anunciar, o quis e o  
levou. O peixe feliz na sua última luz enfim  
completo pois lhe faltava voar.

broto  
dentro do mar  
a gaivota viu o peixe do ar  
o caminho aquático  
alcança o mergulho do pássaro  
firme no bico de quem  
com beijo fiska  
enfim o peixe  
livre do sal  
experimenta a saliva  
e o vento

e se o mar é imenso  
muito mais é o ar  
que também existe lá dentro

## GENTE RUIM

*Mentirosa mundana  
mãe é foda (muxoxo)  
ah mas é corrupta...  
mãe é foda (expiro)*

Vai assim:  
falhando na vida.

Vai passando por cima  
do que é você  
apontado nos outros  
por teu dedo incompetente.

Vai por aí  
o que você é  
andando de ré.

Vai assim:  
triste vida invejosa e corrupta.

Mentira  
Mentira  
e sorte

Não existe certeza  
em sua existência  
Só esquiva e sorte

Triste não contar os frutos

Perda  
Poeira  
e sorte

Peso  
Trapaça  
e sorte

Terrível quem não constrói beleza

Preguiça  
Difamação  
e sorte

Miséria  
Deserto  
e morte

que sorte  
é grandeza de gente



há um caminho a seguir

dentro de mim existe uma outra



FORÇA LUZ



## GALOS DE BANGU

os Galos de Bangu  
dizem que hoje em dia  
a noite é braba

os Galos de Bangu  
Não  
Tecem a Manhã de  
João

eles vêm em Galozarra  
afrontando os  
escuros

combatendo os espaços apagados

os Galos de Bangu  
não vão cada um  
do seu ciscado  
de um em um  
lançando a  
tênue teia  
que moldará manhã e dia

eles são um grupo guloso  
uma falange alucinada

uma Ola de alarido  
um olé de vôlei no inimigo  
um golpe de som  
um gole de poeira pra trás  
uma fome alimentada

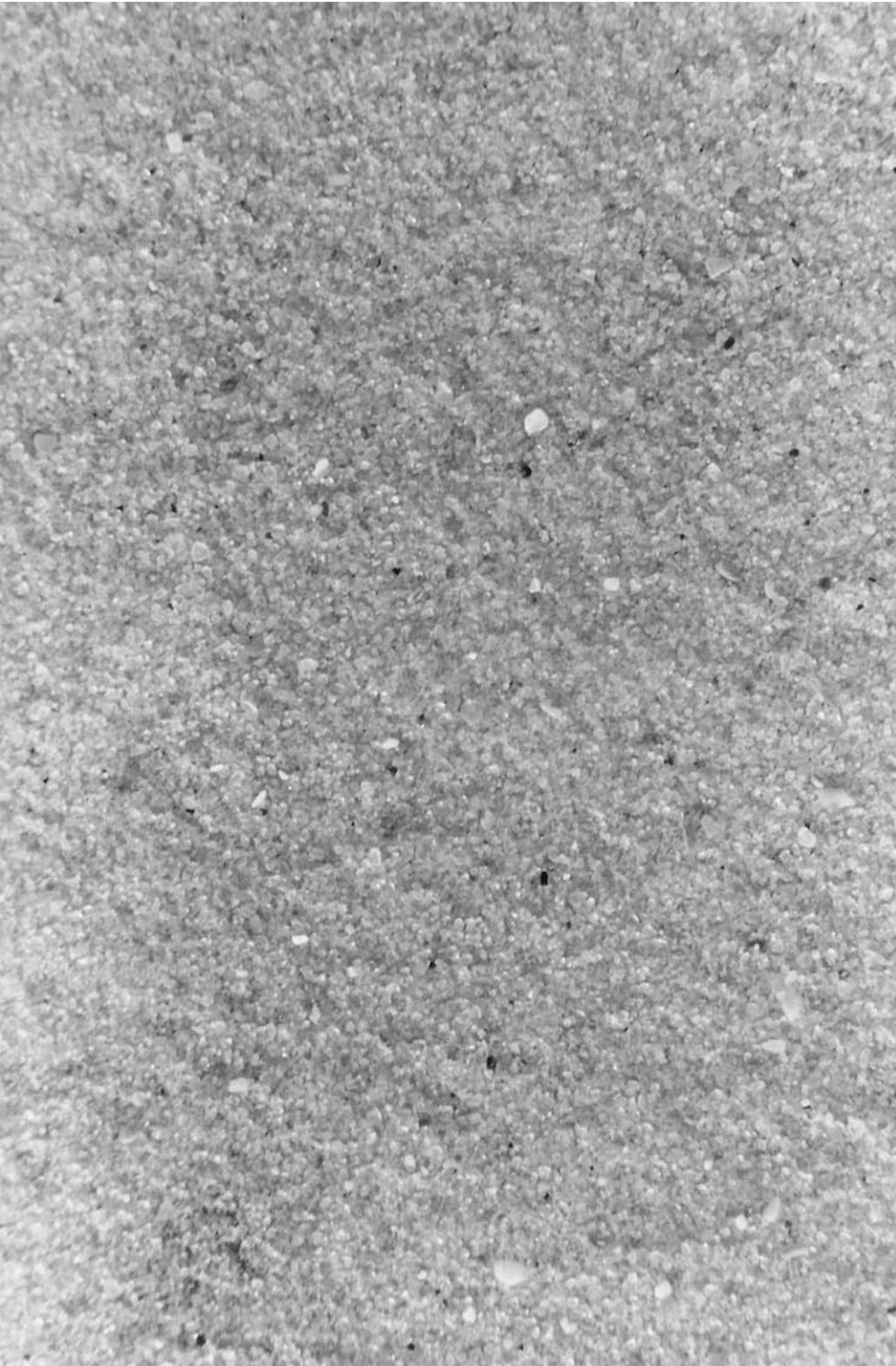
eles vêm como os Pretos de um Quilombo  
galopando a liberdade  
que possa ainda estar presa

eles vêm como os pretos Reis Guerreiros  
encorajando as cores nos corpos  
comandando a luz nas coisas

os Galos de Bangu  
eu começo a ouvir  
lá no longe  
do Terreiro de outras casas  
por trás da comunidade  
como fosse um batuque em pedra  
uma cuíca de boca  
árabes a cavalo por uma feira  
em tempos de Cristo  
São a Sacizada rouca  
cangurus de pena  
alastrando balafon  
pra cima dos alabastros  
prejudicando as trevas  
extorquindo a trégua  
de dentro da mais fechada guerra







## CAVALO DE JORGE

*para Jorge Ben Jor*

Cedo ainda  
quando o mundo demanda

mostra-me o monstro  
asas nos ombros  
suas unhas e seus dentes  
brilham facas enfiadas em ameaça  
criatura aguda de frente  
e de costas no mesmo instante  
crispa escamas de seu dorso  
um uivo rouco irrompe  
de sua garganta  
seu rosto terrível fuzila  
seu olho de víbora vibra fogo  
ganha voo de sua boca  
toda sua intenção em minha direção  
ladeador esquivo e vil  
força de cinco mil anjos de espanto  
sua forma e sua aparência  
a própria violência  
que se ergue rígida e ágil  
como naja  
suja e sedutora  
como um parlamento corrupto que conspira

por fim se atira  
empenhando meu extermínio

Desde já  
Menino Oníré

Sustenta seu peito emblema  
O aço seu punho dobra  
Seu braço faz do ferro escravo  
Espalha seu metal dando lastro  
Ferradura Espada Foice Bigorna Âncora dura  
Seu corpo guarda uma Locomotiva em segredo

A coragem a caminho do homem

Salve esse segundo  
Sou Jorge

A lança que se derrama  
do céu me alcança

Salve Jorge  
estou são

Levanta seu escudo  
diante de mim  
arranca do chão  
largos passos  
São Jorge  
em caminho

Sua espada  
se fincada na terra  
infinita fenda rasga  
nada que ofenda resiste  
seu trabalho tem a força  
inquebrantável que a verdade verga

A vitória é sua casa

Sua destreza não mede palavras  
Cavaleiro de cavalo improvável  
que sob seu comando é ferramenta selvagem  
Guerreiro de manuseio certo com sua arma  
Azul Escuro, Verde ou Branco e Vermelho  
A ação é direta e reta  
Golpe preciso  
Resolve antes da pólvora

Não existe caminho de bala  
de faca  
espada  
punhal  
nada

seu corpo não conhece ferida

conhece Fé



## CINELÂNDIA

eu quero  
dobrar  
meu joelho pra frente  
pra sempre  
agarrar no ar  
pegar a palavra na varanda

dentro do tumulto  
cresce um bicho de luz  
quando me vendem os olhos  
ele paga por mim  
ele fiska a fagulha que ia se apagando  
pois que a turba é falcão sem capuz

o enxame vai  
devolver o vento com a mão  
assopra no moleque  
na madame  
troca os ares  
do patrão  
um corpo só  
riscando o ar  
com novo traço  
no caso o aplauso  
rema o espaço

agora a minha bandeira mora comigo  
eu fiz de tudo pra só falar na hora certa  
mas agora a minha bandeira mora comigo  
e o seu ruído é o rei que ela própria desfralda

eu quero  
fazer silêncio  
de luta ou de sabedoria  
sombra na segunda  
sinagoga no Saara  
meu pai dançando  
a dança da minha filha  
eu quero  
o fim da geografia  
liberdade pro medo

em cada esquina  
acende esse segredo

dentro do tumulto  
cresce um bicho de luz  
quando me vendem os olhos  
ele paga por mim  
ele fisga a fagulha que ia se apagando  
pois que a turba é falcão sem capuz

...APÓS 33 SEGUNDOS

a luz  
quando ela se apaga  
me chupa com força de vaca  
carreira de vácuo  
como pisa de cavalo

pra dentro de nada

violento como um  
solavanco sem tranco  
um esbarro em nenhum volume

quando o lume morre  
o que não é luz  
puxa o tapete da vista pousada

e apresenta a última imagem

empalhada

GRITO DE CADERNO  
(GREGUERIA)

O

mistério

do

gato

é

a

serpente

ele acha que é o rabo

## LIBERTADORES DA AMÉRICA-AINDA

Olhos de azulejo

Olhos de bola cinco

Olhos de chico

Anil



## OS SERTÕES – HOMEM II

Zé

Teu olho e teu cu  
muito mais que teus  
Deus em teus dedos  
tocando piânus

de cima do Oficina  
                  engrenado  
                  o infinito  
vai ainda mais longe  
escala coletivo  
cala o cansaço  
a mesmice  
a ordem do cacique  
na fumaça da folha fumada do pajé

Zé

arranca a farra  
espoça portas como  
champanhe pra Exu

chama chama chama  
ergue uma casa  
                  um colégio

na vidinha que eu consegui construir  
pra depois demolir

Zé

magô extorquindo carnaval  
búfalo hiena Aderbal

CANTO CIGANO DE UMA NOITE  
LONGA DE TRABALHO

larga mão na massa  
amassa força  
amola faca  
gasta a noite  
mete um gole de garapa, dois  
    volta à bancada rasga  
limpa o bicho aparta  
a tripa deixa  
a carne guarda  
    tira as crianças  
        tira as crianças  
    abre a madrugada  
    dança madrugada

no pó da estrada, o vinho, atalha um Deus  
dos olhos meus mina a dor que o pai me deu  
meu riso adaga letal  
talha no tempo  
toma da terra o sal

## ARRELIA

o palhaço larga sua gargalhada  
na sua carcaça mina sábado  
sua hora é a seis  
e cinco  
o quintal secreto dos fundos  
onde ele estava só  
antes da cena  
soltou-se também dele  
é só um trecho aberto sem passado  
o segredo interrompeu-se no sigilo  
que a assuada da vida que segue não tem  
não sobrou piada. só erva e o cimento rachado  
agora ele sorteia silêncio et cetera.

(NENHUMA)

*para Pedro Luis [15/12/2002 ]*

eu sei que qualquer  
palavra que eu diga agora  
não vale esse momento

nuvem cavalo alado pólen  
brisa jardim gris

pouco podem com a sua perda

passos tela de miró multidão  
Omolu algodão silêncio

ainda assim é difícil de ligar  
um sorriso nos olhos  
que nos meus também faltam           nessa hora

porque faz parte da minha alegria           a sua  
porque me importa muito que a vida  
seja essa janela aberta onde a paisagem           se move

é mesmo muito comum que minha vida se           ligue à sua

tão imbuída de te  
querer tudo de bom  
de tão importante os horizontes do convívio  
da mão muito amiga apertando sempre uma certeza  
isso é o que fundamenta todo teu meu imenso abraço

## BANDEIRAS RASGADAS

*para Claudio Mendes*

agora toda ação pede sua presença

elo acima de qualquer corrente

quero desfrutar a maravilha

de existirmos no mundo

ao mesmo tempo



sabe ficar ao meu lado  
não importando  
minha asa  
semente

é um mamute  
fora do fóssil

é bota na lama  
(como a da chuva de hoje)

ele é pé na porta  
do pé na porta

e o que falta nele  
ainda assim  
sustenta tudo isso

## CEPENSAMENTO

*[Rio, novembro de 2005]*

sem mais

o Rio é uma bosta

sem nada a cidade  
abandonada na bandalha  
cocaína exportada dentro da carne  
daquele restaurante caro da Lagoa  
e o outro de Ipanema

essa ignorância com medo  
da farofa do Bem-Te-Vi  
ou da furunfa que matou ele

essa ignorância certa  
de que o terror é o terceiro  
ou o vermelho  
ou a rosa  
o César ou a corja

o corvo voa oculto  
na glorinha da geral

mesmo no esmagado  
ralha gralha na malha da era marte  
na cona da guerrilha  
a vida é magra

a vida é magra  
como uma garça  
uma mergulhada no asfalto  
esburacado às margens do  
Rio da Prata

não aquele Rio da Prata  
braço navegável  
ou perna de fêmea ainda  
de tango e de candombe  
pela poesia que se  
enxuga nele

não aquele Rio da Prata  
limite político acidente  
acerto da natureza  
talho alagado resolvendo  
o fim do Uruguai e  
início da Argentina

não aquele imenso dorso  
fluvial atravessado por Gardel  
e que em suas praias hoje  
se lançam homens desempregados  
vasculhando a esperança  
e a areia com detectores de metal  
e que é também Rio bosta  
dentro da miséria global



ela trôpega  
troncha  
morria não fosse meu socorro

Só segurei  
em minhas mãos

suja fedida branca antes  
quando nasceu provável  
mas que agora cinza  
de tanto comer esgoto  
de tanto comer lama lixo e mijo

só segurei

os meninos me olhavam  
malignando se eu pousava ela

pássara frágil  
golfava ar

e ia me entendendo  
em nosso movimento bicho  
recuperava sua via de asa

as penas da cabeça  
esgarçadas de sangue de garça  
cobravam sua força

porque “tudo que vive

não desiste de viver”

e desvoou à outra margem

o povo de lá me olhava  
sem vacina no ciúme  
ninguém nunca fez centelha por eles

o que é uma garça?

um tolo treco sujo  
um tijolo quebrado na calha  
uma galinha sem carne  
e que vai pelo ar  
e caga

é nada

bom pra pedrada  
mais vale o tiro  
mordendo o alvo

mas algo mudou em seu nome  
olhos dos meninos desvelaram  
e um cachorro coxo ficou sem chute  
e um cavalo bagre  
bebeu água perto dum sujeito

que a vida encontra um jeito  
e estoura Deus

então Poeta

quando for construir um pensamento

quando te derem 6 ou oito páginas  
num periódico comemorativo  
documento de um evento importantíssimo  
fundamental pioneiro  
talvez último refúgio de primícias humanas  
mas que não é ninguém  
é a garça driblando pedra  
dentro dessas cidades de bosta

saiba porque escrever algo  
tenta tua miúça pessoal de lado  
toca teu corpo coletivo  
lembra de quando você andava de ônibus  
pensa na Garça de Bangu do Rio da Prata  
tenta o drible que ela não deu  
ali no ponto final do 393 e do nove dezoito

esquece o tijolo bala  
tenta um tijolo inteiro  
em cima de outro  
em cima de outro  
e outro outro

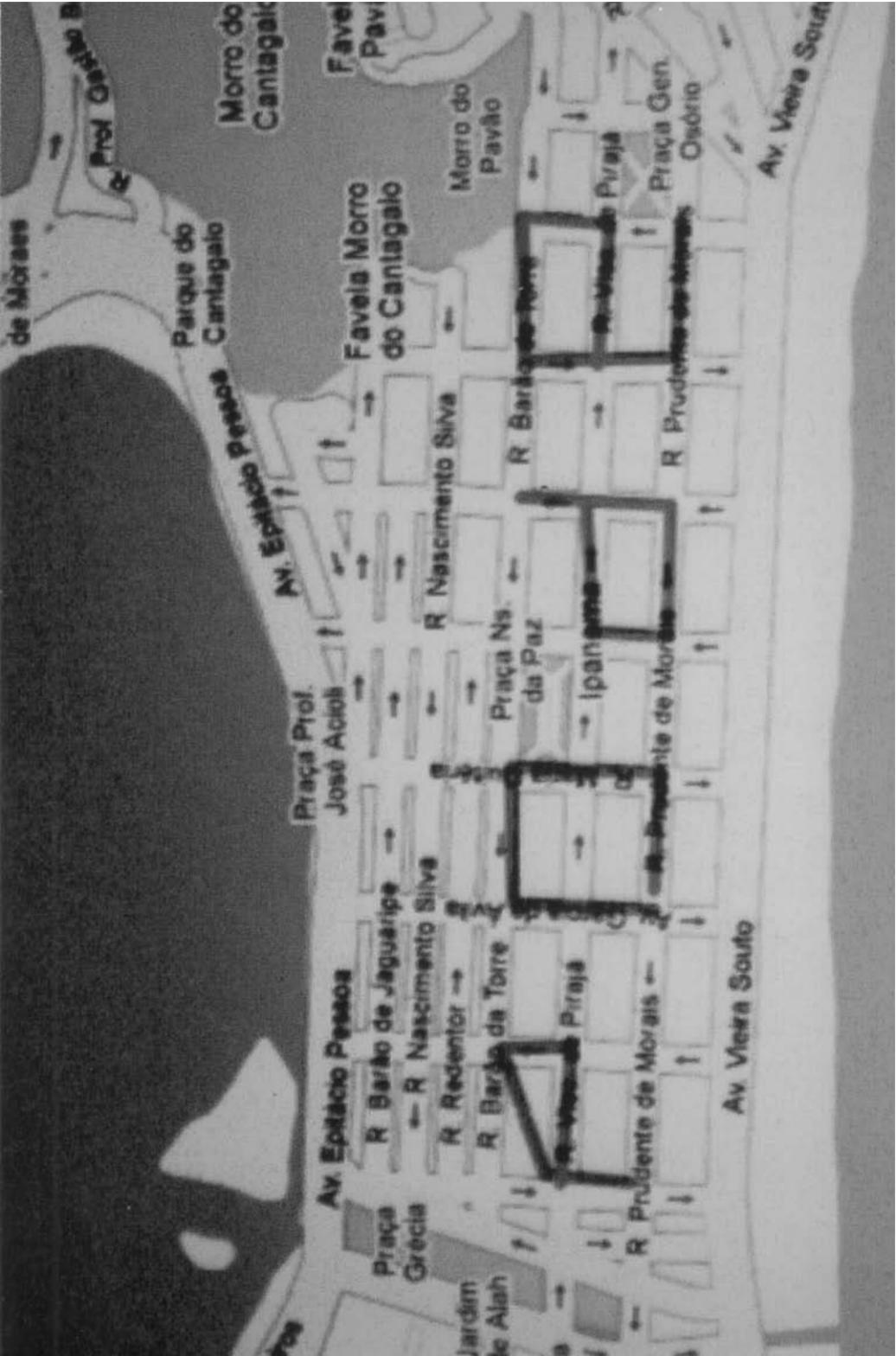
cuida da minha casa  
que ela não é só sua

e mais escritor  
o seu estilingue-instituição flui  
frui egoísta

chega de saudade  
chega de soldado

produz pensamento avante

voa, Pato



*Chão inquieto* foi impresso  
sobre papel pólen bold 90 g/m<sup>2</sup> (miolo)  
e cartão supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)  
na gráfica stampa para a 7letras  
em agosto de 2010.